

Nome de Sarney é evitado em São Luís

ARIOSTO TEIXEIRA

SÃO LUÍS — O presidente José Sarney perdeu a liderança e o poder de transferir votos até mesmo em São Luís, a capital do seu Estado, o Maranhão. Seus familiares não estão participando ostensivamente da campanha e nem mesmo o ex-deputado Sarney Filho, cuja maior aspiração é se eleger governador em 1990, compareceu até agora aos comícios de Carlos Guterres, o candidato a prefeito do PMDB-PFL (a Aliança Democrática sobreviveu em São Luís).

Guterres, na verdade, evita mencionar o sobrenome presidencial nos comícios e programas de rádio e televisão. "O sobrenome Sarney se tornou maldito", interpreta o candidato da União da Ilha, a coligação do PDT com cinco partidos de esquerda (PSDB, PCB, PC do B, PSB e PCM), Jakson Lago. O maior cabo eleitoral de Guterres é a máquina do governo e o governador Eptácio Cafeteira, cuja liderança política no Estado e popularidade na capital podem decidir a eleição.

O candidato da União da Ilha, e seu vice, o ex-deputado Magno Bacelar (Bacelar brigou com a família Sarney depois que perdeu o mandato e foi praticamente obrigado a vender a TV Difusora em negociações conduzidas por Fernando Sarney, filho do presidente) atacam Sarney como podem. "Rende votos", ensina Bacelar.

Como Guterres, o médico Jakson Lago era secretário do governo Cafeteira. Ele, da Saúde, e Guterres de Esporte e Lazer. Ambos trabalharam com o governador de 1966 a 1970, quando Cafeteira foi prefeito de São Luís. Esses laços afetivos (a mulher de Cafeteira, Isabel, já disse que votará em Lago) impedem a União da Ilha de atacar o governador. Lago estava na frente nas pesquisas, mas depois que o governador optou por Guterres a situação se inverteu.

OBRAS

"A minha mágica é traba-

lhar muito", explica Cafeteira. De fato, o governador construiu e espalhou pela cidade doze enormes caixas de água (capacidade de 11.500 metros cúbicos cada) e triplicou os sistemas de captação e tratamento de água. O resultado dessa empreitada é que muitos dos 170 bairros da cidade finalmente ingressaram na era da água potável encanada.

O governador tem feito mais. Ele simplesmente ignorou a prefeita Gardência Gonçalves, do PDS, e perfurou toda a cidade para instalar canos. Cafeteira deu tratamento especial aos bairros ricos do Calhau (onde mora a família Sarney) e Olho D'Água, duplicando com bom asfalto suas avenidas. Para que todas essas obras tenham continuidade o governador diz ser necessário eleger Guterres prefeito. A União da Ilha chama isso de "chantagem".

O candidato oficial sequer esconde que sua plataforma de campanha é o governador. "Sem o apoio dele eu perderia a eleição", admite. Sem muita convicção, Guterres acha que o presidente José Sarney "não tira votos", mas quando fala em público diz somente que conta também com o apoio do governo federal. Um candidato a vereador pelo PFL, num comício de Guterres, no fim de semana, mencionou o nome do deputado Sarney Filho, foi estrondosamente vaiado.

A coligação de Jakson-Lago ainda considera possível "virar a tendência do eleitorado". Nesta quinta-feira a União da Ilha juntará no maior comício da campanha os presidenciáveis Leonel Brizola e Mário Covas. No início de novembro Guterres quer ter num comício o deputado Ulysses Guimarães e Cafeteira. O governador, no entanto, não deseja subir em palanques, mas pode ir à televisão se defender, se for atacado por Brizola e Covas.

Se Guterres se eleger prefeito, Cafeteira terá conseguido dobrar "a ilha rebelde", que é como os políticos chamam São Luís, por seu tradicional voto oposicionista. As pesquisas de opinião lhe conferem um índice de 55% entre respostas de bom e ótimo governo. "Eu poderia morrer feliz, com esses números", diz Cafeteira.

No PCB, a cunhada de Marly

SÃO LUÍS — Simone Lucília Andrade Macieira, 40 anos, candidata a vereador pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB), é um caso singular no quadro eleitoral de São Luís. Ela é cunhada de Marly, a mulher do presidente José Sarney. Militante do PCB desde 1962, Simone casou com o irmão de Marly, o economista Roberto de Pádua Macieira, atual secretário de Indústria, Comércio e Turismo do Maranhão. Ela tem certeza de que terá o voto de Vera, a mãe de Marly e Roberto, e acha que "a solidariedade" lhe brindará com o voto da primeira-dama.

"Minha sogra é o melhor cabo eleitoral", revela Simone. "Marly me apóia também", diz. "Para as mulheres, não interessa o partido", filosofa Simone. Quem criou a candidata do partidão foi Maria Aragão, uma lendária comunista maranhense, de linha prestista (seguidora do líder comunista Luiz Carlos Prestes).

O discurso de Simone não chega a ser radical. Ela apóia o governo Sarney, "na linha do partido". Isto é, conforme decidiu o partidão, para ela, sustentar o governo Sarney "é a única maneira" de garantir a transi-

ção e as eleições presidenciais de 1989. "Ele (o presidente) não é o único culpado pela crise", analisa. "Ele recebeu um país devastado economicamente", acrescenta.

A campanha eleitoral de Simone Macieira está forte e bem organizada, com carros, alto-falantes, camisetas e muita militância. Ela apóia o candidato do PDT, Jakson Lago, mas não ataca o governo de Eptácio Cafeteira. Sua linha de trabalho é didática. Simone usa o exemplo das vitórias dos países comunistas nas Olimpíadas de Seul para mostrar aos 275 mil eleitores de São Luís que os comunistas "não são bicho-papão".

O discurso ideológico de Simone não é muito diferente do resto do partidão. Ela acredita que o processo revolucionário no Brasil será pacífico, mas adverte que "a permanência da crise, da fome, desesperança e infelicidade do povo" poderá mudar esse rumo. Segundo sua opinião, se as elites do País não se sensibilizarem para a necessidade de mudanças sociais, econômicas e políticas, acabarão levando o povo ao desespero. "E isso", sentencia, "nos trará a guerra civil". (A.T.)

25 OUT 1988
SÃO PAULO
SÃO PAULO